

# Posição da Sociedade Europeia de Pesquisa em Prevenção sobre abordagens ineficazes e potencialmente nocivas na prevenção do consumo de substâncias

## *Agir de forma ética: evitar danos, usar a ciência*

A Sociedade Europeia, para a Pesquisa em Prevenção (EUSPR), está preocupada com a forma como a prevenção do uso de substâncias está sendo abordada na Europa. Eles estão particularmente preocupados com o uso de estratégias que se concentram em fornecer informações sobre os riscos e perigos do consumo de substâncias para crianças e adolescentes. Os relatórios do Observatório Europeu da Drogas e da Toxicodependência (EMCDDA) sugerem que estas abordagens estão sendo utilizadas na Europa em grande medida.

Algumas dessas abordagens incluem táticas de choque, onde imagens ou relatos fortes são usados para alertar sobre os efeitos negativos do uso de drogas. Essas estratégias são consideradas ineficazes e caras, além de poderem ser prejudiciais, levando a reações opostas às pretendidas. Além de testemunhos de ex-usuários de drogas ou peças de teatro com foco nas consequências extremas do uso de substâncias que são relatados em vários países, um dos exemplos mais comercializados de tais abordagens é o “showroom móvel”.

O objetivo dessas exposições itinerantes, comercializada como uma forma de educação prática interativa sobre drogas legais e ilegais para adolescentes (de 12 a 17 anos), é supostamente mudar a compreensão deles sobre o assunto. Guiados em grupo, os jovens experimentam, através de técnicas audiovisuais atraentes, os piores resultados do uso de substâncias. Embora alguns proponentes dessa intervenção afirmem que não têm a intenção de assustar, as respostas emocionais e as fortes impressões que os jovens experimentam durante e após essas exposições são típicas de táticas de assustar.

A EUSPR ([www.euspr.org](http://www.euspr.org)) tem como objetivo identificar importantes avanços e conhecimentos na ciência da prevenção nos últimos vinte anos e colocá-los em prática em toda a Europa. Os membros da EUSPR incluem cientistas, profissionais e decisores políticos envolvidos na prevenção segura e baseada na ciência, que vêm de toda a Europa e de outros países. Nós sabemos que mostrar que “as crianças entendem” não é prova de que “as crianças” mudarão seu comportamento. No entanto, nós também sabemos que é

extremamente difícil provar a efetividade da prevenção em mudar e manter um comportamento, assim como é difícil desenvolver intervenções efetivas e implementá-las da forma mais ampla possível. Também estamos cientes de como as palavras neste campo podem ser enganosas: muitas vezes, os relatos de que "eles gostaram" ou "ficaram muito impressionados" são considerados como prova de "efetividade". Ao mesmo tempo, nos sentimos frustrados com o fato de que os métodos comprovados para induzir sutilmente os jovens a agir de maneiras mais seguras e saudáveis a longo prazo muitas vezes são ignorados e não utilizados.

Portanto, entendemos a vontade de "fazer algo" e compreendemos que:

1. os responsáveis pelas decisões, especialmente em níveis locais e regionais, que possuem um mandato político, tendem a investir em intervenções que transmitam uma mensagem forte, visível e atraente ao público, com o intuito legítimo de mostrar que "finalmente algo está sendo feito". Eles também desejam envolver as organizações da sociedade civil em diversos níveis.
2. a razão pela qual pais, autoridades escolares, formuladores de políticas e policiais muitas vezes acham a ideia atraente e plausível de que os jovens se envolvem com o uso de substâncias porque não foram alertados com intensidade suficiente sobre os perigos das substâncias.
3. o motivo pelo qual mesmo especialistas em outros campos, como medicina, farmacologia, segurança pública ou ciências políticas, muitas vezes se sentem atraídos pela ideia de que os jovens agem em desacordo com o conhecimento estabelecido, porque a mensagem sobre os perigos do uso de substâncias não foi adequadamente transmitida a eles, ou não foi transmitida pelas pessoas certas, ou ainda, não transmitida de maneira científica e credível suficiente, ou não utilizando as técnicas mais modernas e atraentes disponíveis.

Muitos defensores de intervenções informativas e alarmistas, que visam alertar os jovens sobre os perigos do uso de substâncias baseiam-se nessas três suposições plausíveis. Muitos anos atrás, era considerado como senso comum que prender usuários de drogas impediria os jovens de usar ou que seria melhor se os pais ensinassem seus filhos a beber álcool em casa. No entanto, a ciência agora comprova que essas abordagens são completamente equivocadas e, na verdade, podem ter efeitos negativos nas atitudes e comportamentos dos adolescentes em relação às drogas.

Apesar disso, defensores dessas abordagens ainda afirmam que elas são cientificamente avaliadas e altamente eficazes. No entanto, os relatórios disponíveis sobre essas intervenções não fornecem evidências sólidas de sua eficácia e não atendem a padrões confiáveis de avaliação científica.

## O que diz a ciência sobre esse tipo de intervenção?

Muitos estudos já identificaram os fatores de risco que levam ao consumo de substâncias psicoativas, incluindo pesquisas internacionais sobre o tema. No entanto, a falta de informação ou de consciência sobre os perigos do uso dessas substâncias não foi identificada como um fator de risco relevante. De fato, alguns estudos sugerem que um nível excessivo de informação pode estar associado a um aumento no consumo dessas substâncias. Isso significa que devemos ser cautelosos sobre quais informações fornecemos e de que maneiras. Portanto, não parece ser a falta de informação que leva os jovens a consumir substâncias psicoativas. O mesmo vale para as populações adultas: podemos presumir que médicos, acima de todos, estão cientes das consequências do tabagismo para a saúde. No entanto, um número significativo deles ainda fuma, como é o caso de 25% dos médicos na Itália.



... inspirador para aqueles que são atraídos pelo risco, perigo e novas sensações

A neurociência nos mostra que características como dificuldades em manter o controle cognitivo, afetivo e comportamental, que se manifestam precocemente, levam tanto ao início precoce do uso de substâncias quanto ao uso problemático. Portanto, técnicas que possam evocar emoções fortes ou até medo, como simulações interativas, têm maior probabilidade de serem atrativas para aqueles que são atraídos pelo risco, perigo e novas sensações. Para ilustrar esse ponto, podemos citar o livro " Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída", que teve um grande sucesso entre os adolescentes quando foi lançado em 1975, seguido por um aumento no uso de substâncias sem precedentes na Alemanha.

A ciência da neuropsicologia explica por que simplesmente fornecer informações não é suficiente para dissuadir os jovens de comportamentos problemáticos, como o consumo de drogas. Isso ocorre porque, na adolescência, o comportamento é influenciado mais pelo contexto social do que pela escolha individual. Os adolescentes são mais suscetíveis a estímulos emocionais e sociais e são altamente influenciados pelas opiniões de seus pares. Quando estão em grupos de amigos, o desejo de recompensa é ampliado quando o sistema socioemocional do cérebro é estimulado. Esse comportamento arriscado é, em parte, explicado pelos processos normativos e biologicamente orientados do cérebro adolescente. Desenvolver um julgamento maduro leva tempo e é improvável que fornecer informações simples (conhecidas como estratégias cognitivo-informativas) torne os adolescentes mais sábios, menos impulsivos ou menos míopes.

Chamamos, portanto, à atenção que todo o conceito de propostas que usam imagens fortes para impressionar e informar os jovens baseia-se na suposição falha de que o uso de substâncias por adolescentes (que é influenciado pela impulsividade, interação social e processos automáticos) poderia ser abordado apenas por tais informações e processos cognitivos. Mesmo que as cenas de excitação emocional devam ser discutidas e colocadas em contexto mais tarde nas salas de aula, tais conversas sobre drogas e seus efeitos são inúteis se não forem incorporadas em intervenções de alta qualidade que realmente mudem o comportamento, levem em conta os ambientes sociocomportamentais e as influências dos pares.

É importante lembrar que quando falamos em prevenção eficaz, estamos nos referindo a intervenções ou estratégias que foram testadas de forma rigorosa e

comprovadas por pesquisas sólidas como capazes de promover mudanças positivas no comportamento ou bem-estar dos participantes. Portanto, intervenções que não conseguem comprovar tais mudanças, como redução no uso de substâncias, melhoria nas habilidades sociais, comunicação ou autocontrole, não podem ser consideradas eficazes.

Além disso, é necessário que as intervenções sejam baseadas em um modelo lógico, teórico ou em uma teoria da mudança e tenham objetivos claros em relação ao comportamento. Intervenções que se baseiam em imagens fortes, cenas de impacto ou outras táticas de medo, mas que não preenchem esses critérios, não são consideradas boas práticas e são construídas sobre uma base superficial.

Se afirmações como "eles gostaram", "eles ficaram impressionados", "eles querem mais" ou "eles se lembrarão disso" fossem argumentos válidos para justificar a "eficácia" de uma intervenção, então o próprio uso de substâncias em si poderia ser considerado "baseado em evidências" pois usuários dizem o mesmo sobre o uso de drogas. Tais declarações fazem parte de um estudo de satisfação ou apreciação e não de um estudo de eficácia e, portanto, não indicam nada sobre o nível de eficácia. O mesmo se pode dizer do volume de execução: que um programa é amplamente utilizado e tem muita procura não diz nada sobre o seu impacto no comportamento dos jovens.



O fato de um programa ser amplamente utilizado não diz nada sobre o seu efeito

## Cuidado com os danos aos nossos filhos

Também é importante ressaltar que algumas abordagens de prevenção podem ser prejudiciais, pois podem aumentar o interesse em iniciar o uso de substâncias ou em se envolver em práticas de consumo mais prejudiciais. Para dar um exemplo, o *Scared Straight* e outros programas de visitação à prisão partiam do pressuposto que confrontar os jovens com consequências na vida real do comportamento criminoso reduziria o risco de se tornarem eles próprios infratores. No entanto, [a ciência da prevenção mostrou](#) que essas intervenções não são apenas ineficazes, mas podem até aumentar o risco de cometer um crime entre os jovens.

Um exemplo particularmente bem pesquisado de efeitos nocivos é a campanha de cannabis do governo dos EUA em 2003. Como os showrooms interativos móveis descritos aqui e intervenções semelhantes, foi baseado em conteúdo pictórico sobre como a cannabis é usada e com que consequências. Esta campanha teve um efeito geral zero sobre as intenções de usar cannabis, mas - o mais intrigante - aumentou a vontade de experimentar cannabis entre os mais inocentes, ou seja, aqueles que não tinham ouvido falar sobre cannabis antes. Isso aconteceu porque a campanha aumentou a percepção (a "crença normativa") de que todos a estavam usando.

De forma semelhante, muitas intervenções audiovisuais utilizam alegações exageradas como mensagem-chave, por exemplo, de que existe um problema crescente de

drogas na Europa. Entretanto, dados objetivos e confiáveis compilados pelo EMCDDA sugerem que isso não é verdade para a maioria dos países e substâncias. Embora essa tática possa ser eficaz em vendas, intervenções informativas bem-intencionadas podem ser prejudiciais se aumentarem as chamadas "crenças normativas". Há evidências indiretas de danos, mesmo que essas intervenções em si aparentemente não tenham sido diretamente avaliadas usando métodos cientificamente válidos.

É importante lembrar que muitos programas de prevenção têm como alvo indivíduos, frequentemente menores, que não expressaram explicitamente seu consentimento ou interesse em receber uma intervenção específica. Além dos problemas éticos associados a isso, surge uma questão ainda maior: nossa responsabilidade enquanto adultos de garantir que qualquer intervenção direcionada a crianças e adolescentes seja segura e não cause danos. Isso é especialmente importante à luz de estudos anteriores de prevenção que, em vez de reduzir o uso de substâncias, resultaram em um aumento no consumo.

Nessa linha, incitamos as autoridades escolares e os tomadores de decisão a aplicarem algumas regras simples:

- **Iniciar** uma intervenção apenas se houver evidências claras, de bons estudos, de que ela tem efeitos positivos sobre o comportamento e uso.
- **Aplicar com cautela** e com avaliações adicionais se a evidência de mudança comportamental não for totalmente comprovada, mas promissora
- **Não aplicar** se houver alguma indicação, mesmo indireta, de que um dano pode ser causado. Exemplos de danos são: aumentar a intenção de usar, aumentar a crença de que o uso de substâncias é normal (aceito) ou normativo (todo mundo faz isso), tornar o uso de substâncias nocivas atraente e mostrar aos participantes como usar substâncias.

É importante também que os pais e professores sejam críticos em relação às estratégias de prevenção que seus filhos são expostos. Assim como eles não permitiriam que seus filhos fossem tratados por profissionais de saúde sem formação adequada, eles também devem se opor a práticas duvidosas e ineficazes de prevenção. Essas práticas incluem o fornecimento de informações sem uma estratégia clara, testemunhos de ex-dependentes, táticas de choque ou testes de drogas aleatórios nas escolas. Nenhum desses métodos mostrou quaisquer efeitos positivos na prevenção em adolescentes e, muitas vezes, produzem efeitos opostos ao planejado.

Profissionais que se propõem a oferecer palestras com informações que chamam a atenção para o problema das drogas sugerem que há falta de ações de prevenção. No entanto, a prevenção eficaz e ética muitas vezes é invisível e integrada na educação ou no sistema de trabalho com jovens, ou age criando ambientes mais seguros e estimulantes para os jovens crescerem. Portanto, é essencial que os pais e professores estejam atentos aos tipos de estratégias de prevenção e aos prevenicionistas a quem permitem que seus filhos sejam expostos, e sejam críticos em relação a abordagens questionáveis e ineficazes.

## Fazer uso da prevenção baseada na ciência

**Não estamos aqui questionando o valor de fornecer aos jovens informações objetivas, credíveis e equilibradas sobre as substâncias; essas informações podem ser facilmente e confortavelmente introduzidas em qualquer currículo escolar. No entanto, questionamos o valor de fornecer informações e nada mais.** A prevenção é, na realidade, substancialmente mais do que uma sensibilização: trata-se de mudar o comportamento – sustentar essas mudanças – e ajudar em uma socialização positiva. O fornecimento de informação por si só contribui muito pouco para este objetivo, como a maioria de nós pode observar nas nossas próprias vidas: estamos plenamente conscientes, por exemplo, dos perigos de um estilo de vida sedentário e de uma dieta não saudável, mas não necessariamente mudamos o nosso comportamento por isso.

### Prevenir é mais do que conscientizar

O registro *Xchange* do EMCDDA apresenta programas de prevenção que foram consistentemente eficazes na mudança real de comportamento em estudos de alta qualidade. Nenhum desses programas se baseia apenas no oferecimento de informações e não utilizam táticas de intimidação. É importante notar que os critérios são rigorosos para determinar se uma intervenção é eficaz tanto neste registro quanto em registros similares, como por exemplo, a *Grüne Liste Prävention* na Alemanha. Aqueles que afirmam que showrooms móveis com imagens fortes são eficazes estão enganados, pois essas intervenções não preenchem os requisitos básicos para serem consideradas avaliadas com base em evidências. Portanto, é importante consultar fontes confiáveis e baseadas em evidências ao procurar programas eficazes de prevenção.

As práticas de prevenção e os princípios de intervenção que foram identificados através da revisão periódica de todos os estudos de avaliação de alta qualidade disponíveis em todo o mundo podem ser encontrados nas [Normas Internacionais de Prevenção do Consumo de Droga](#) do UNODC e no [Portal de Boas Práticas](#) do EMCDDA. De forma consistente, o fornecimento de informações, imagens ou cenários fortes e o uso de depoimentos de ex-usuários de drogas são sinalizados como ineficazes.

Reconhecemos que a ciência está sempre em evolução e que descobertas futuras podem mudar nossas abordagens para a prevenção do uso de substâncias. No entanto, atualmente, temos conhecimentos sólidos e ferramentas para promover comportamentos alternativos seguros que não prejudiquem nossos jovens. É importante que a prevenção seja conduzida por profissionais capacitados e experientes que possuam um mínimo de horas de formação em prevenção baseada em evidências. O sistema de acreditação para profissionais de prevenção na República Tcheca é um exemplo de política de prevenção bem-sucedida, garantindo que apenas aqueles com as habilidades necessárias possam interagir com jovens no sistema educacional. Isso é importante porque a prevenção pode ser delicada e até prejudicial, e é necessário garantir que apenas pessoas qualificadas e éticas estejam envolvidas no processo. A prevenção deve ser baseada no princípio de "não causar dano" e garantir que aqueles que trabalham com crianças tenham as competências necessárias para executar intervenções eficazes e seguras.

## As melhores intervenções não precisam ser caras

**Os formuladores de política e tomadores de decisões** têm em mãos uma grande variedade de intervenções e políticas



**O envolvimento da sociedade civil não deve implicar que qualquer pessoa possa desenvolver estratégias de prevenção**

regulatórias locais que são eficazes e visíveis, produzindo capital político. Não é necessário colocar sua reputação em risco por se associar a abordagens controversas, comerciais e falhas, apenas porque algum influenciador está pessoalmente convencido de que funciona, sem apresentar evidências adequadas, baseadas na ciência.

**Policiais interessados e preocupados** com a prevenção têm muitas formas de atuar baseadas em evidências específicas para o trabalho policial: estar próximo de escolas e da vida noturna, garantir sensação de segurança e reduzir a presença de vendas ou ofertas de substâncias a menores. Essas políticas são cruciais para garantir ambientes seguros e acolhedores para os jovens. Não é necessário gastar recursos e tempo em atividades informativas e ineficazes.

**As autoridades escolares** têm boas escolhas, tanto de programas baseados em evidências para as escolas quanto de estratégias de prevenção ambiental que se concentrem no clima escolar positivo e seguro e em regras claras sobre o uso ou a posse de substâncias em suas instalações. As informações sobre as substâncias podem ser fornecidas objetivamente em qualquer programa escolar. Não é necessário expor as crianças em idade escolar a narrativas exageradas que apelam para emoções de curta duração e podem sair pela culatra a longo prazo.

**Os pais** têm várias práticas alternativas que se mostraram eficazes para proteger a saúde comportamental de seus filhos. Aconselhamos os pais a serem francos ao recusar o consentimento para que seus filhos sejam expostos a intervenções não comprovadas e potencialmente prejudiciais, como aquelas que usam histórias de ex-usuários de drogas, narrativas exageradas ou imagens fortes. Não é necessário assustar as crianças ou ensiná-las sobre práticas e realidades desagradáveis que possam inspirá-las a iniciar o próprio comportamento que foi o foco da apresentação de "prevenção". Isso é especialmente importante se a apresentação for direcionada a jovens impressionáveis ou vulneráveis.

Existem princípios eficazes **de mensagens persuasivas** que podem ser usados com a mídia, que não saem pela culatra ou instigam a resistência dos jovens.

Precisamente para este efeito, os membros do EUSPR adaptaram o *Currículo Universal de Prevenção* de renome internacional numa versão europeia curta, que é publicada pelo EMCDDA (e pode ser baixado no seu [site Web](#)) como *Currículo Europeu de Prevenção*. Nos cursos relacionados, os decisores políticos podem adquirir em 2 a 5 dias de formação os conhecimentos necessários sobre:

- princípios, estratégias e programas de prevenção realmente eficazes,
- como selecionar mensagens convincentes que realmente mudam atitudes,
- como identificar estudos de avaliação que respondam a questões relevantes, e

- como avaliar as verdadeiras boas práticas em matéria de prevenção.

O curso e seu manual são baseados nas melhores evidências disponíveis sobre o que funciona na prevenção, foram desenvolvidos por especialistas sem interesses comerciais e ajudam os tomadores de decisão a identificar e proteger a si mesmos e às crianças de ofertas de prevenção ineficazes ou mesmo prejudiciais.

## Devemos abraçar políticas de prevenção impulsionadas pela racionalidade e pela ciência.

A sociedade reconhece que a prática de prevenção em muitas partes da Europa não está atingindo as normas ideais de utilização de estratégias eficazes baseadas em dados concretos. No entanto, isso não justifica os tomadores de decisão escolherem ofertas de prevenção comercial caras que não foram

adequadamente avaliadas, não se baseiam em evidências, ou têm fundamentos teóricos falhos, apenas porque afirmam ser mais inovadoras e capazes de chamar a atenção dos jovens. Chamar a atenção é apenas o primeiro passo no processo de prevenção, e os esforços que se limitam a isso geralmente falham.

Devemos adotar políticas de prevenção impulsionadas pela racionalidade e pela ciência, e não por modismos ou tendências. Isso é particularmente importante quando o dinheiro público destinado à prevenção é limitado. O investimento em intervenções ineficazes ou prejudiciais direciona os recursos para longe de intervenções eficazes. As entidades que priorizam essas intervenções questionáveis para financiamento ou as apoiam publicamente correm o risco de serem percebidas como desviando recursos disponíveis para intervenções com benefícios comprovados para nossos jovens, enquanto gastam dinheiro em ofertas muitas vezes comerciais com pesquisas falsas e ingredientes prejudiciais.

Pedimos que todas as instituições envolvidas na facilitação e no apoio de programas para alunos/estudantes sigam os padrões de qualidade existentes na prevenção de drogas e reconsiderem e rejeitem de forma responsável a divulgação e promoção de intervenções que não estejam em conformidade com as atuais normas de evidência na Europa. Também enfatizamos a importância de seguir os principais documentos aprovados pela Estratégia Europeia para Drogas, que são apoiados por importantes sociedades e instituições profissionais internacionais envolvidas na criação de prevenção de qualidade, como a EMCDDA, o Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crimes (UNODC) e as Sociedades Europeias e Americanas de Pesquisa em Prevenção (EUSPR e SPR).

- Os documentos de posição do EUSPR dirigem-se a um público mais vasto e, conseqüentemente, utilizam uma linguagem simples, evitando o jargão científico.
- Por essa razão, não estamos adicionando as referências aos artigos científicos e revisões de evidências nas quais baseamos nossas declarações.
- Os leitores interessados nos princípios das ciências da prevenção podem consultar o Manual do EUPC e as normas do UNODC de prevenção do uso de substâncias.<sup>12</sup>
- Os leitores que tenham pergunta sobre algumas das afirmações do texto podem entrar em contato com [president@euspr.org](mailto:president@euspr.org) e solicitar referências específicas da literatura para as declarações feitas.

<sup>1</sup> [https://www.emcdda.europa.eu/publications/manuals/european-prevention-curriculum\\_en](https://www.emcdda.europa.eu/publications/manuals/european-prevention-curriculum_en)

<sup>2</sup> <https://www.unodc.org/unodc/en/prevention/prevention-standards.html>